

Imigração no Brasil: um panorama em quadrinhos

Vitor Jardim Siffert Pereira de Souza¹

Octávio Carvalho Aragão Jr.²

Resumo

O presente artigo analisa três HQs jornalísticas brasileiras sobre imigração e refúgio: O Haiti é aqui (2016), Vitrais (2018) e Diasporados (2019). As obras abordam histórias de imigrantes e refugiados em diferentes regiões do Brasil, apresentando entrevistas conduzidas com haitianos, venezuelanos, sírios, iraquianos e congoleses. O estudo usa teorias migratórias e sobre quadrinhos como mídia de comunicação, destacando como as HQs ajudam a construir narrativas sobre a imigração e o refúgio, produzindo historiografias verbo-visuais. A análise também explora a contribuição das HQs para a discussão sobre identidade e fragmentação social no contexto do refúgio.

Palavras-chave

Histórias em quadrinhos; Imigração; Refugiados; Cultura brasileira.

Immigration in Brazil: an overview through comics

Abstract

This article analyzes three Brazilian journalistic comics about immigration and refuge: O Haiti é aqui (2016), Vitrais (2018) e Diasporados (2019). The works deals with the stories of immigrants and refugees in different regions of Brazil, displaying interviews conducted with Haitians, Venezuelans, Syrians, Iraqis and Congolese. The study uses migration theories and comics as a communication medium, highlighting how comics help construct narratives about immigration and refuge, producing verbo-visual historiographies. The analysis also explores the contribution of comics to the discussion of identity and social fragmentation in the context of refuge.

Keywords

Comics; Immigration; Refugees; Brazilian culture.

Artigo recebido em janeiro de 2025

Artigo aceito em março de 2025



Introdução

Imigração e refúgio no Brasil: um processo de destruição e reconstrução de identidades

Segundo Bauman (1999), enquanto as migrações do século XIX e início do XX eram, em geral, permanentes e desconectavam aqueles que saíam dos que ficavam, as atuais produzem experiências variadas, tanto temporárias quanto definitivas. Nesse contexto, refugiados e imigrantes humanitários encontram-se, muitas vezes, em um “entre-lugar” jurídico e social, produzindo indivíduos de identidade instável.

Hall (1997, p. 10-12) define esta instabilidade identitária como um fenômeno endêmico da contemporaneidade. Durante a segunda metade do século XX e, ainda mais no século XXI, as constantes ondas de migração saídas principalmente do Sul Global para o Norte têm tido o efeito de remodelar o caráter étnico e cultural de diversos países, pluralizando culturas e identidades nacionais (HALL, 1997, p. 80).

Elhajji (2011, p. 17) argumenta que o deslocamento ocorrido a partir do processo de imigração contemporâneo não é apenas um fenômeno físico, mas também subjetivo, simbólico e imaginário. Graças às mídias de comunicação contemporâneas, cidadãos ao redor do mundo são capazes de estabelecer contatos uns com os outros por intermédio de ferramentas linguísticas, culturais e econômicas, pondo em questão o próprio conceito de “fronteira”. Sempre dotadas de ideologia, essas ferramentas acabam, inevitavelmente, por vender o estilo de vida ocidental ao mundo inteiro. “Uns viajam para alcançar as imagens que vêm de longe; outros se deixam levar longe pelas imagens que vêm até eles” (ELHAJJI, 2011, p. 17).

Segundo Junger (2024), entre os anos de 2022 e 2024, 481 mil imigrantes foram regularizados no Brasil, sendo 139,2 mil os solicitantes de status de refúgio. Deste número, por volta de 66%, (87,5 mil) foram oficialmente reconhecidos como tal. O Art. 1º da Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997³, reconhece como refugiados indivíduos que saíram de seus países por razão de grave e generalizada violação dos

seus direitos humanos, envolvendo perseguição política, religiosa, étnica ou outras formas de violência contra a vida. No ano de 2023, a vasta maioria (97,6%) dos pedidos de reconhecimento de condição de refugiado foi concedida a venezuelanos.

O processo de acolhimento e integração social de refugiados no país, entretanto, apresenta uma série de problemas. Segundo o estudo do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) intitulado “Perfil Socioeconômico dos Refugiados no Brasil” (2023)⁴, refugiados encontram dificuldades para encontrar empregos por conta de burocracias com documentos e dificuldades linguísticas, apesar de possuírem uma escolaridade média superior à brasileira e dominarem mais de um idioma. Além disso, 41% relatam ter sofrido algum tipo de discriminação no Brasil (na maioria dos casos, por brasileiros, mas também por outros refugiados).

Nos últimos anos, o país foi marcado por episódios de violência contra imigrantes, um fenômeno que, segundo a advogada e socióloga Karina Quintanilha, contesta a posição do Brasil como um país acolhedor de imigrantes e refugiados⁵. Dentre os episódios recentes de xenofobia e racismo contra imigrantes no Brasil, podem-se destacar: os ataques contra refugiados venezuelanos em Pacaraima, Roraima, que resultaram na expulsão de 1.200 pessoas do território brasileiro em agosto de 2018⁶; os assassinatos do imigrante congolês Moïse Kabagambe⁷ e do imigrante senegalês Seringe Mbaye⁸ (ocorridos na cidade do Rio de Janeiro, em fevereiro de 2022, e na cidade de São Paulo, em março de 2024, respectivamente) e a morte do imigrante ganense Evans Osei Wusu, que passou mal no aeroporto de Guarulhos enquanto era retido em uma área restrita, em agosto de 2024⁹.

Fronteiras reais e subjetivas: as metáforas usadas para se falar de imigração

As narrativas midiáticas produzidas a respeito de imigrantes e refugiados se apresentam como um obstáculo para sua cidadania plena

nas sociedades que os recebem. Zanforlin e Cogo (2019, p. 11) apontam o poder metafórico da construção de muros e cercas em torno de países. Essas barreiras operam não apenas como obstáculos físicos à imigração, mas como muralhas defensivas das nações ocidentais, separando-as das “hordas” de pessoas vindas de países “atrasados”. As autoras citam a ação do governo Húngaro de Viktor Orban de erguer muros ao longo da fronteira com a Sérvia em 2015 como exemplo deste fenômeno. Entretanto, a mesma metáfora do “muro” foi utilizada pelo presidente dos Estados Unidos Donald Trump durante sua campanha de primeiro mandato em 2016, sendo uma de suas promessas eleitorais obrigar o México a pagar por um muro separando as duas nações. Além de selar apenas uma pequena porção da fronteira com cercas de armação, o governo do México nunca pagou pela obra¹⁰.

Figura 1 – Charge de Rick McKee



Fonte: THE WEEK. Political cartoon: Donald Trump border wall. Disponível em: <https://theweek.com/cartoons/676281/political-cartoon-donald-trump-border-wall>. Acesso em: 30 mar. 2025.

Figura 2 – Charge de Nick Anderson



Fonte: REAL CLEAR POLITICS. Nick Anderson current cartoon 2017-05-02. Disponível em: https://www.realclearpolitics.com/cartoons/2017/05/02/nick_anderson_current_cartoon_2017-05-02.html
Acesso em: 30 mar. 2025.

Dentre as duas charges aqui elencadas, aquela de autoria do cartunista Rick McKee (2017) representa o presidente Trump como o personagem Humpty Dumpty, um ovo antropomórfico que se equilibra sobre um muro. A segunda, de Nick Anderson (2017), representa o presidente construindo um muro de promessas quebradas diante de um eleitor (que pode ser identificado como tal através do boné vermelho usado pelos apoiadores do presidente).

De maneira semelhante, as autoras também criticam o discurso da migração como uma ‘epopeia de superação e vitória individual’, argumentando que ele pode ser tão prejudicial quanto discursos explicitamente xenofóbicos (ZANFORLIN; COGO, 2019 p. 9).

Em 2015, o então deputado federal e ex-presidente do Brasil Jair Messias Bolsonaro referiu-se aos “refugiados haitianos”¹¹, bolivianos e senegaleses” como “escória do mundo”, além de considerá-los “mais um problema para o Brasil”, ecoando o discurso da extrema-direita internacional da época e acrescentando o fato do Brasil ser um país em desenvolvimento para enfatizar a necessidade da adoção de medidas de austeridade quanto à imigração¹².



No dia 21 de agosto de 2024, o Ministério da Justiça do terceiro governo de Luiz Inácio Lula da Silva, liderado por Ricardo Lewandowski, determinou que a Polícia Federal passará a ter o direito de barrar passageiros que chegam sem visto no Brasil¹³. Apesar de os governos Lula historicamente adotarem defesas retóricas¹⁴ e medidas favoráveis¹⁵ à imigração, a resolução tomada pelo Ministério da Justiça vai na contramão de todos os avanços no que diz respeito ao acolhimento de imigrantes e refugiados conquistados pela Lei de Migração (Lei nº 13.445/2017).

A decisão do Ministério da Justiça também evidencia que, apesar de os ataques retóricos de líderes da extrema-direita contra imigrantes do Sul Global terem um efeito cultural e político extremamente negativo no acolhimento de imigrantes e refugiados, políticas públicas reacionárias contra esse grupo de pessoas continuam sendo implementadas a despeito do posicionamento ideológico dos governos, revelando que essa é uma questão estrutural dos Estados-Nação contemporâneos.

A historiografia e o jornalismo em quadrinhos

Cagnin (2015, p. 185) afirma que os quadrinhos de uma HQ não estão dispostos aleatoriamente na página. Suas narrativas obedecem a sistemas de leituras, apresentam tempo narrativo e se baseiam, necessariamente, numa interrupção da visualidade. Catalá (2011) reitera este ponto ao afirmar que “(...) os vazios entre vinheta e vinheta ou entre fileira e fileira são caracteres do mundo que se está compondo (ou percebendo)” (CATALÁ, 2011, p. 169). Postema (2018, p. 16), por sua vez, argumenta que essa explicitação das lacunas torna os quadrinhos uma forma de arte autoconsciente e que envolve diretamente os leitores.

Outro aspecto dos quadrinhos que auxilia na imersão do leitor é o uso de ilustrações. McCloud (1995, p. 29-36) descreve o *cartum* como uma abstração da figura humana, um vácuo para o qual a

consciência e a identidade do leitor são atraídas para que ele possa adentrar o “reino” construído pelo quadrinista. Tal recurso é frequentemente usado nas HQs para criar personagens fictícios, entretanto, esse também é um recurso comum às HQs biográficas e jornalísticas.

O jornalismo em quadrinhos desenvolvido por Joe Sacco (2011) contrapõe o conceito tradicional de jornalismo, que prima por uma suposta “neutralidade ideológica”, em relação ao uso de fotos. Para o autor, fotografias evidenciam a subjetividade do jornalista, na medida em que recortam uma realidade. Com as ilustrações, não seria diferente. Chute (2016, p. 2) reitera este ponto, defendendo a capacidade das HQs de produzir historiografias através da ilustração, ressaltando, inclusive, os potenciais metafóricos das narrativas.

Cagnin (2015, p. 185) considera que as HQs organizam essas lacunas, incompletudes e disposição simultânea de múltiplos quadros com recursos estilísticos próprios. Em um nível metatextual, é possível propor que esses recursos estilísticos dialogam com as rupturas e fragmentações identitárias inerentes ao processo de imigração e refúgio com uma precisão específica.

Nesse contexto, a história oral pode ser usada como uma metodologia de pesquisa, pois permite o uso de relatos de imigrantes e pessoas em situação de refúgio para se compreender o fenômeno de forma global. Para tanto, não se deve considerar relatos orais como autoevidentes, mas compreender a tradição oral como “um sistema coerente e aberto para construir e transmitir conhecimentos.” (CRUIKSHANK *apud* AMADO; FERREIRA, 2006, p. 155)

Considerando este posicionamento, não poderíamos também compreender o jornalismo em quadrinhos como um “sistema coerente e aberto”? Optamos por seguir por este caminho para a melhor compreensão de nossos objetivos nesta pesquisa. O presente artigo aborda as histórias em quadrinhos (HQs) jornalísticas que tratam diretamente de relatos orais de imigrantes e refugiados contemporâneos vivendo no Brasil.



Desenvolvimento

A partir da análise de três HQs brasileiras que abordam o tema do refúgio: *O Haiti é aqui* (2016), de Adriano Kitani e Ênio Lourenço; *Vitrais: uma HQ sobre histórias de refugiados em São Paulo* (2017), de Anna Silva, e *Diasporados* (2019), de Norberto Liberator, serão traçados os pontos que essas HQs têm em comum e no que divergem, com um enfoque especial na forma que estas obras se apropriam dos elementos pictórico-verbais das HQs para tecer narrativas sobre refúgio e imigração.

Figuras 3, 4 e 5 – Capas dos quadrinhos citados



O Haiti é aqui (2016), de Adriano Kitani e Ênio Lourenço. *Vitrais: uma HQ sobre histórias de refugiados em São Paulo* (2018), de Anna Silva. *Diasporados: Uma reportagem em quadrinhos sobre refugiados e imigrantes* (2019), de Norberto Liberator.

Análise das HQs

O Haiti é aqui (2016), de Adriano Kitani e Enio Lourenço

Resenha Crítica – *O Haiti é aqui* (de Adriano Kitani, Enio Lourenço)

O "*Haiti é aqui*" é uma HQ jornalística escrita por Enio Lourenço e ilustrada por Adriano Kitani. A *webcomic* foi lançada/publicada no dia 16 de junho de 2016 no site da *Agência Pública de Reporta-*

gem e *Jornalismo Investigativo* (Disponível em: <https://apublica.org/hq/2016/06/hq-o-haiti-e-aqui/>. Acesso em 30 mar. 2025), além de ter participado do projeto *Vivências: Haitianos da Escola Livre de Cinema e Vídeo de Santo André* (E.L.C.V).

Na abertura da obra, é apresentado um contexto geral sobre a situação do Haiti após o terremoto de 7,3 graus na escala Richter que devastou a nação no dia 12 de janeiro de 2010. Segundo dados trazidos pela própria HQ, o governo federal brasileiro autorizou 43.781 vistos de residência permanente aos haitianos no Brasil, apesar de que o número total de imigrantes haitianos permaneça desconhecido. Em seguida, Lourenço e Kitani conduzem entrevistas com três imigrantes vivendo em uma pequena comunidade de haitianos em Santo André (SP) que participam da produção da websérie *Superação* (2015), além de acompanhá-los em algumas das atividades cotidianas.

Em seguida, os entrevistados apresentam suas idades, a profissão que exerciam no Haiti e/ou sua formação e, por fim, as atividades que estão exercendo no Brasil. Wilbert, de 34 anos, era comerciante no Haiti, trabalhando próximo à fronteira com a República Dominicana. Na época da entrevista, trabalhava como operador de máquinas e atuava como pastor em uma igreja batista haitiana. Elie, de 31 anos, era ex-gerente de uma multinacional vietnamita de telecomunicações no Haiti. No Brasil, ele trabalha na seção de laticínios em uma filial da rede de mercados Assaí. Kidny, de 27 anos, era uma estudante de medicina no Haiti que se tornou a auxiliar de limpeza em um escritório na Zona Oeste de São Paulo. No início da entrevista, ela está grávida.

No capítulo “Percalços”, os entrevistados detalham o trajeto que percorreram para chegar ao Brasil e relatam as dificuldades que enfrentaram nos ambientes de trabalho, incluindo situações em que sofreram preconceitos, instâncias em que não foram devidamente pagos e até ameaças que sofreram dos seus patrões.

No capítulo “Impressões da vida cotidiana”, a HQ acompanha o dia a dia dos imigrantes no Brasil: suas impressões sobre a cultura e a so-

cidade brasileira, além das atividades que fazem para preservarem suas raízes culturais haitianas.

No capítulo “Fé”, Lourenço e Kitani são convidados por Wilbert a acompanhar um culto na sua igreja batista na comunidade de haitianos.

No último capítulo, “Narradores”, Lourenço e Kitani acompanham uma sessão de exibição da websérie “Superação” em que os imigrantes aparecem, e entrevistam, brevemente, os atores e produtores brasileiros e alguns haitianos que ajudaram na realização da série. A reportagem se encerra dando um fechamento à história dos três entrevistados: Wilbert aparece com sua esposa, Elie entrega um TCC sobre gestão estratégica e Kidny está ao lado do seu marido haitiano e filho brasileiro.

Figura 6 – Os desfechos das três entrevistas



Fonte: O Haiti é aqui (2016), p. 43.

A escolha de organizar a obra por capítulos temáticos, intercalando as três entrevistas, acentua as semelhanças e os contrastes das experiências de imigração dos haitianos de Santo André, apresentando uma pequena amostra da profusão de experiências e vivências da comunidade.

Figura 7 – Kidny presencia um terremoto

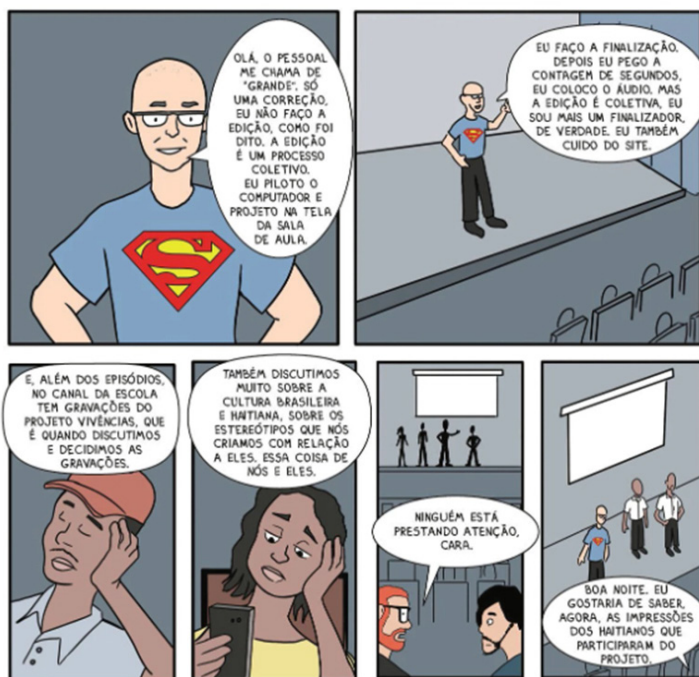


Fonte: O Haiti é aqui (2016), p. 14.

Apesar do tom sério durante a maior parte da HQ, *O Haiti é aqui* apresenta a imigração como um fenômeno emocionalmente plural, de perdas e rupturas, mas, também, de reconstruções e descobertas. O futebol, por exemplo, aparece como uma oportunidade de integração social e construção identitária para Wilbert, que revela ter tido interesse no Brasil por conta da cultura do futebol. Ele torna-se corintiano. A comida paulista causa estranhamento a Elie no início, mas, ao descobrir a comida nordestina, mais próxima da caribenha, encontra um ponto de identificação e acolhimento. Elie também demonstra interesse em preservar sua cultura haitiana ao expressar uma vontade de gravar CDs de música.

Há também momentos de humor e deboche na reportagem. No capítulo “Narradores”, Kitani e Lourenço optam por manter a fala insensível de um dos produtores, que se exalta falando do seu trabalho e toma o protagonismo dos haitianos. O desinteresse nas expressões dos imigrantes, somado à fala longa e autoindulgente do produtor anônimo, surte um efeito irônico e crítico ao “complexo de salvador branco” (termo que ironiza uma pessoa branca que se vê como protetora de não-brancos).

Figura 8 – Fala do produtor



Fonte: O Haiti é aqui (2016), p. 40.

Em “Percalços”, Elie descreve um episódio em que um patrão o ameaçou verbalmente e que imediatamente mudou o tom da fala ao perceber que estava sendo gravado. Na HQ, o patrão é retratado como uma figura caricata. Inicialmente, ele é descrito visualmente como uma figura ameaçadora, imponente e desequilibrada. Seu corpo, aumentado pelo requadro, está levemente inclinado para a direita, seu rosto franzido torna-se avermelhado (contrastando com o fundo amarelado, que preenche o quadro de tons quentes) e ele se expressa por meio de um balão de fala distorcido e com letras maiores do que a fonte padrão usada nos diálogos, indicando que está gritando. Após a revelação de Elie, seus olhos se arregalam, um raio aparece próximo à sua cabeça (indicando espanto e medo), sua pele se torna pálida, ele é ilustrado menor e menos imponente e a cor do fundo reverte ao azul claro do escritório.

Figuras 9 e 10 – Interação de Elie com o chefe



Fonte: O Haiti é aqui (2016), p. 21-22.

Vitrais: uma HQ sobre histórias de refugiados em São Paulo (2017), de Anna Silva

A HQ digital *Vitrais: uma HQ sobre histórias de refugiados em São Paulo* (2017), escrita e ilustrada por Anna Silva, é um dos produtos do Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social da autora na Universidade Estadual Paulista (UNESP). Além do “livro-reportagem em quadrinhos”, o TCC inclui um relatório detalhando a produção da HQ, publicada no site do Repositório Institucional da UNESP¹⁶.

A reportagem de Anna Silva é dividida em cinco capítulos e conta com três entrevistas: Abdulbaset, Yacine e Omana. As entrevistas ocorrem nos Capítulos 1, 3 e 4. No segundo capítulo, intitulado “marcas”, Silva registra uma caminhada organizada pela ONG Abraço Cultural, que passa por pontos da cidade de São Paulo, onde há comunidades de refugiados e imigrantes.

A primeira pessoa entrevistada por Silva é Abdulbaset Jarour, sírio, de 27 anos, que, no momento da entrevista, mora há três anos no Brasil. Abdulbaset conta que entrou para o exército sírio com 20 anos e que atuou como motorista para um general e sua esposa. A Guerra Civil, iniciada em 2011, um ano após a entrada de Abdulbaset no exército, fez com que ele estendesse seu serviço por três anos. Os diversos traumas gerados pela guerra, incluindo a perda de amigos e familiares próximos, e um episódio em que uma bomba destruiu sua casa, por muito pouco não o matando, levaram Abdulbaset a uma tentativa de suicídio.

Figuras 11 – Tentativa de suicídio de Abdulbaset



Fonte: Vitrais (2018) p. 18.

Após desistir, ele paga a um amigo para atualizar o passaporte e, após passar um tempo em Beirute, no Líbano, opta por vir ao Brasil, especificamente a São Paulo, por ser longe do Oriente Médio, mas também por possuir uma comunidade e cultura sírio-libanesa fortes.

Figuras 12 – Tentativa de suicídio de Abdulbaset



Fonte: Vitrais (2018), p. 17.

Abdulbaset fala que foi mal-recebido pela Polícia Federal, que o encaminharam para o site, e que só foi acolhido por um funcionário da Cáritas, falante de árabe, que o auxiliou na produção de um documento.

Figura 13 – Abdulbaset tem dificuldades com burocracias



Fonte: Vitrais (2018), p. 23.

Abdulbaset revela ter trabalhado como motorista de Uber por um breve período e relata que frequentemente ouviu comentários xenofóbicos dos passageiros. Nessa passagem, Silva aproveita os potenciais metafóricos da ilustração para representar os brasileiros xenofóbicos como figuras fantasmagóricas.

Figura 14 – Abdulbaset no Uber



Fonte: Vitrais (2018), p. 26.

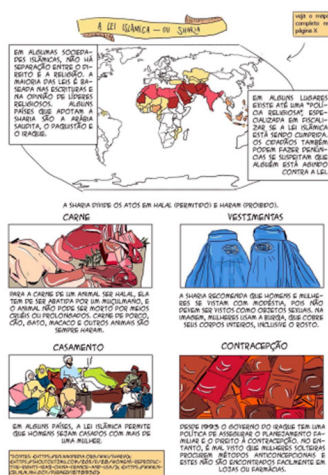
A próxima entrevistada é Yacine, uma enfermeira iraquiana que se mudou para o Brasil após sofrer perseguições pelo governo do seu país natal. Yacine tentava promover a saúde feminina nos hospitais, fornecendo pílulas para meninas e mulheres e as ensinando sobre doenças sexualmente transmissíveis. Silva utiliza gráficos e mapas para passar informações a respeito das leis iraquianas e de outros países islâmicos, e de como o fanatismo religioso as influencia diretamente.

Figura 15 – Yacine



Fonte: Vitrais (2018), p. 45.

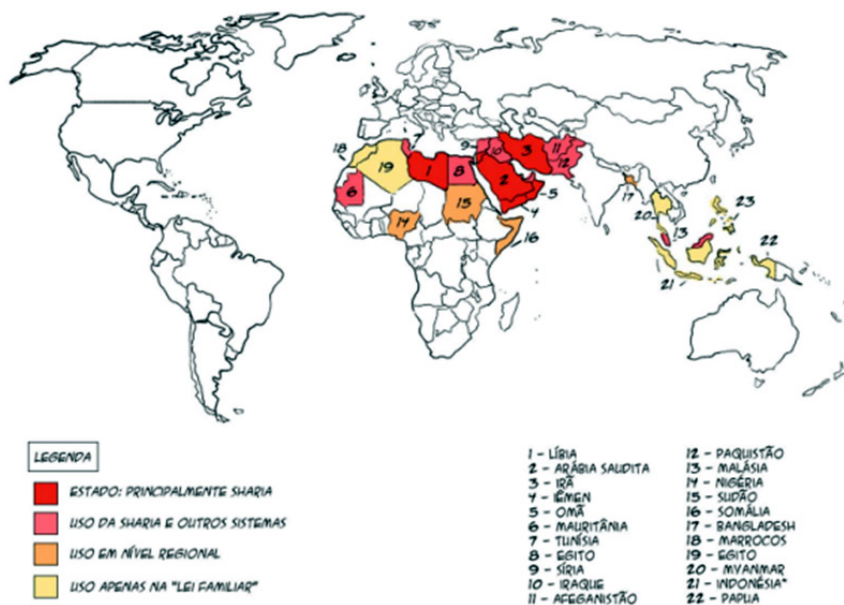
Figura 16 – Gráfico sobre a lei da Sharia no mundo



Fonte: Vitrais (2018), p. 47

ISSN: 2238-9091 (Online)

Figura 17 – Gráfico sobre a lei da Sharia no mundo (detalhado)



Fonte: Vitrais (2018), p. 95.

Como mulheres no seu país não podem viajar se não estiverem acompanhadas de um homem, Yacine foi ao aeroporto com um vizinho e entrou em um avião sem ao menos saber o destino, descobrindo que estava no Brasil apenas quando aterrisou. Ficou morando no aeroporto internacional de Guarulhos por uma semana, até conseguir entrar em contato com a Cáritas Internacional.

Em seguida, Anna entrevista Omana, um professor universitário na República Democrática do Congo responsável por uma ONG que defende os Direitos Humanos. Omana relata ter sido preso diversas vezes pelo governo por promover palestras e protestos denunciando abusos. Seu protesto mais impactante ocorreu depois de uma chacina que acabou com a vida de trinta e cinco mulheres e quinze crianças. Omana e a população de sua cidade reuniram os corpos em um escritório do governo.

Figura 18 – Resultado da chacina que resultou na morte de trinta e cinco mulheres e quinze crianças



Fonte: Vitrais (2018), p. 65.

Após o protesto, a família do professor foge de casa, enquanto ele é capturado por uma milícia local e levado para o interior do país. Após um tiroteio que irrompeu entre diferentes facções da milícia, Omana escondeu-se em meio aos corpos. Após a chacina, Omana relata que se lembra de curar o ferimento de um dos feridos e escapar, indo ao encontro a um militar. Somente após a operação é que descobriu que, na verdade, curou o próprio ferimento. O professor acredita que essa breve alucinação tenha sido uma forma de sua mente se proteger e processar a situação.

Figura 19 – Omana curando suposto ferido



Fonte: Vitrais (2018), p. 71.

Figura 20 – Omana percebendo que havia se curado



Fonte: Vitrais (2018), p. 72.

Após este evento traumático, Omana decide se tornar um refugiado político e escolhe vir para o Brasil por conta da herança cultural africana. Ao chegar em São Paulo, foi trabalhar em um lava-rápido e encontrou dificuldades burocráticas para regularizar seus documentos, mas relata que “o povo brasileiro” (definição do entrevistado) o acolheu por meio de doações, incluindo roupa e comida. Levou três anos para que sua esposa e filhos pudessem migrar para o Brasil e encontrá-lo. Assim como em outros momentos da reportagem, Silva se inspira em obras como a série de romances *O Fotógrafo*, de Emmanuel Guibert e Didier Lefèvre, e a HQ *O Mundo de Aisha*, de Ugo Bertotti, e mescla imagens e ilustrações para registrar o momento.

Figura 21 – Omana se reencontrando com sua família

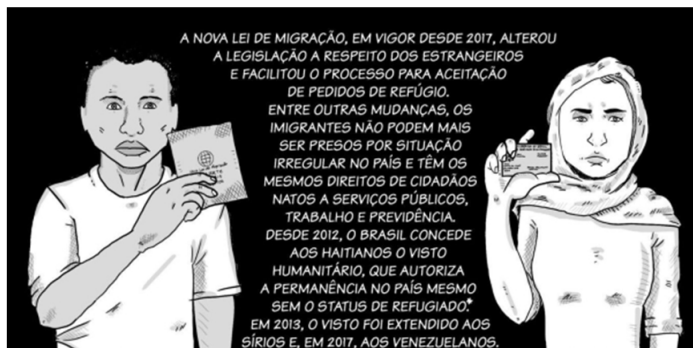
Fonte: Vitrais (2018), p. 75.

Diasporados Uma reportagem em quadrinhos sobre refugiados e imigrantes (2019), de Norberto Liberator

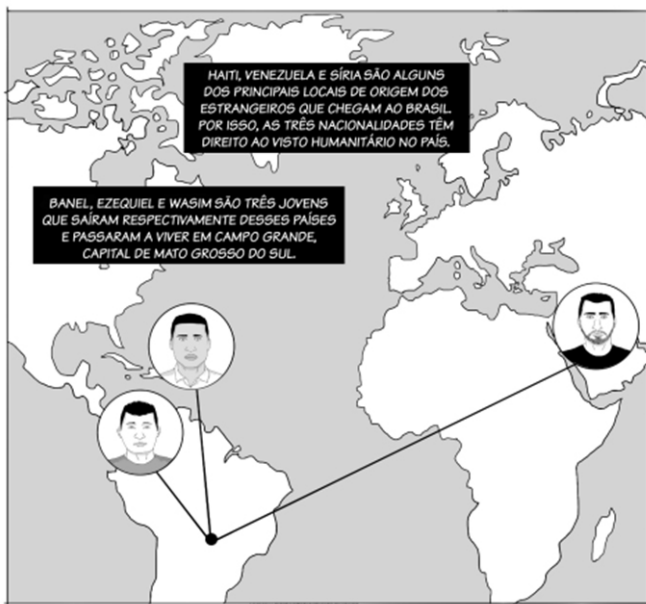
Assim como a obra previamente mencionada, a HQ jornalística digital “*Diasporados: Uma reportagem em quadrinhos sobre refugiados e imigrantes*”, escrita e ilustrada por Norberto Liberator, é um dos produtos do Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo do autor na Fundação Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) e vem acompanhada de um relatório.

A HQ é dividida em quatro capítulos: uma introdução sem título e três capítulos dedicados a entrevistas.

A introdução traz alguns dados sobre o refúgio no Brasil, e, especificamente, no Mato Grosso do Sul (um dos quatro estados designados pelo governo federal para receber venezuelanos em 2018, ao lado de São Paulo, Paraná e Amazonas).

Figura 22 – Quadro sobre a lei de imigração.

Fonte: Diasporados (2019), p. 2.

Figura 23 – Quadro esquematizado que mostra os países de onde vieram os entrevistados

Fonte: Diasporados (2019), p. 3.

O primeiro capítulo, “Do “Caribe ao Cerrado”, ilustra a entrevista que Liberator realizou com Banel, um imigrante haitiano que se mudou para o Brasil não apenas para procurar estabilidade e um emprego,

mas também para estudar ciências sociais. Para ajudar a se sustentar no Brasil, Banel dá aulas de francês.

O segundo, “*Venezuela, ¿donde estás?*”, apresenta uma entrevista com Ezequiel, um refugiado venezuelano que atravessou a fronteira a pé e encontrou dificuldades por causa da burocracia relacionada à documentação e para arranjar um emprego fixo no Brasil, mas que acabou sendo acolhido pela organização Fraternidade Sem Fronteiras.

O último capítulo, “Depois da primavera”, conta a história de Wasmim, um refugiado sírio formado em Engenharia Elétrica que trabalhava na Síria como DJ e operador de som e que passou a trabalhar como cozinheiro e comerciante no Brasil, inicialmente morando em São Paulo e depois se mudando para Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Todos os entrevistados reclamaram de dificuldades burocráticas, especialmente no que diz respeito ao registro de documentos. Banel, por exemplo, relata que teve uma bolsa estudantil e um programa de extensão cortados enquanto estudava na Universidade Federal do Amazonas, na sua visão, injustamente. Apesar de ele querer inicialmente contestar a universidade, os outros dois imigrantes que também recebiam os benefícios, um nigeriano e o outro senegalês, preferiram se abster. Por fim, ele também optou por recuar. Ezequiel relata que teve dificuldades para validar sua Certidão de Nascimento assim que se estabeleceu no Brasil. Ele aponta a barreira linguística como um fator. Muitos não o auxiliavam por ser falante de espanhol.

Os imigrantes também relatam episódios de xenofobia e racismo que sofreram no país, tanto em um nível institucional como interpessoal, e com ameaças de violência implícitas e explícitas. Banel descreve muitos brasileiros como tendo uma mentalidade de “raça superior”, desprezando imigrantes haitianos como ele não apenas por xenofobia, mas por racismo. Ezequiel conta sobre um incidente em Roraima, onde seus conterrâneos, integrantes de uma banda de música latina, foram ameaçados com uma faca por um brasileiro. O homem tomou essa atitude depois que o grupo reclamou de seu filho, que destruiu um dos instrumentos da banda.





Os imigrantes também relataram experiências positivas. Banel menciona ter sido bem recebido no ambiente universitário, especificamente no curso de Ciências Sociais. Ezequiel diz que foi acolhido calorosamente por ONGs e por uma igreja evangélica batista. Wasim descreve os brasileiros como pessoas que “gostam de conversar” e que aprendeu o idioma conversando no WhatsApp e por meio de amizades que formou com brasileiros. A reportagem termina com ele dizendo ter orgulho de que sua filha nascerá brasileira.

De acordo com o relatório, no que diz respeito à produção do material, a entrevista com os refugiados foi a primeira etapa realizada por Liberator. A escolha por três indivíduos de países distintos teve por objetivo representar uma gama de experiências variadas. Terminadas as entrevistas, Liberator as traduziu para um roteiro de quadrinhos e estabeleceu um ritmo de produção diário. Quanto à narrativa visual, o quadrinho possui algumas especificidades. As falas de Norberto foram representadas em balões e caixas de texto pretas com letras brancas, enquanto as dos refugiados, em balões e caixas brancas com letras pretas.

Além disso, de acordo com o autor, os diálogos dos imigrantes foram adaptados para o que ele define como “português padrão”, para não soarem “risíveis” e “aproximá-los dos leitores brasileiros”. A ideia inicial era representar a fala autêntica dos entrevistados, mantendo os sotaques e as inadequações gramaticais, como Art Spiegelman fez em *Maus* (1980-1991), entretanto, ela foi descartada. Algumas expressões como “*mamá*”, “*papá*” e “*qué passa?*” (entende-se aqui que o autor tenha se referido à frase em espanhol “*¿qué pasa?*”), por outro lado, foram mantidas. Dessa forma, Liberator optou por uma estratégia artisticamente oposta à de Silva (2018) em *Vitrais: reportagem em formato de história em quadrinhos sobre a vida de refugiados em São Paulo*, que optou por manter as inadequações à norma culta presentes nas falas dos refugiados.

Liberator optou pela arte em tons de cinza, visando realçar a atenção ao desenho e à história. Ele destaca, ainda, que, segundo ele, “tanto a

colorização (sic) em cinza quanto o desenho em preto e branco são típicos do jornalismo em quadrinhos” (Liberator, 2019). Norberto afirma que encontrou algumas dificuldades linguísticas na hora da entrevista em si, especialmente com Wasim, que não era fluente em português. O plano original era entrevistar tanto Wasim quanto sua esposa, Ruba, que seria a única entrevistada mulher, entretanto, ela era ainda menos fluente em português do que Wasim e a entrevista não foi possível.

Análise comparativa das reportagens

Nas três reportagens, os jornalistas roteirizam e ilustram as entrevistas que conduziram com imigrantes. A inserção dos próprios autores nas três HQs evidencia os recortes das pesquisas e, também, as narrativas que estão construindo a partir delas. Sacco (2016) defende esta abordagem jornalística.

Em campo, na apuração, a presença do jornalista quase sempre é relevante. (...) Ao admitir que estou presente em cena, minha intenção é sinalizar ao leitor que o jornalismo é um processo no qual defeitos e marcas de costuras ficam aparentes, como se realizado por um ser humano (...). (SACCO, 2016, p. 5).

A escolha por representar os entrevistados de maneira empática, aproximando-os emocionalmente do leitor por meio de seus relatos, também se assemelha à forma como Joe Sacco quadriniza suas próprias reportagens em quadrinhos. Em um dos prefácios da reedição da obra *“Palestina”* (1993), Said (2021) argumenta que, embora Sacco não vilanize os agentes do governo israelense que entrevista, representá-los com “certa reserva, talvez até mesmo com desconfiança” (SAID, 2021 p. viii, *apud* em SACCO, 2021), considerando o contexto de poder político da região e de sua identificação com os palestinos oprimidos.

Os três autores produzem interpretações gráficas dos relatos dados pelos refugiados, criando uma historiografia tanto verbal quanto visual. Além disso, a narrativa lacunar das HQs, como argumenta Postema (2018, p. 16), parece dialogar metatextualmente com os

deslocamentos literais e metafóricos pelos quais os imigrantes e refugiados passaram para chegar ao Brasil.

Em suas sucessões de quadros repletos, quadrinhos chamam atenção a si próprios, especificamente, como evidência. Quadrinhos fazem o leitor ter um acesso ao desdobramento de evidências no movimento de sua gramática básica, agregando e acumulando quadros de informação. (CHUTE, 2016, p. 2 – tradução nossa)

Essa reconstrução também traz implicações temporais, especificamente na subjetividade da representação do tempo. Nesse contexto, a “lacuna” teria uma importância fundamental na construção das historiografias contemporâneas, servindo não apenas como mero intervalo, mas como “(...) um campo de forças gerado pelo esforço do homem para pensar.” (PASSARINI *apud* AMADO; FERREIRA, 2006, p. 214).

Apesar de esta ser uma leitura possível das três obras, os embasamentos teóricos utilizados por Liberator (2019) e Silva (2018) em seus TCCs não parecem estabelecer uma conexão direta entre a narrativa lacunar dos quadrinhos e a reconstrução de narrativas fragmentadas de imigração e refúgio através de relatos.

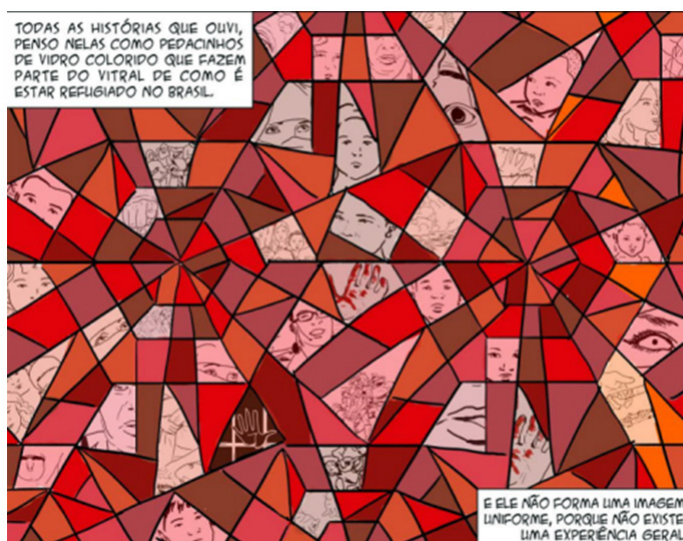
No seu relatório, Liberator (2019) refere-se às histórias em quadrinhos como “arte sequencial”, termo cunhado pelo quadrinista Will Eisner em 1985, em seu livro “Quadrinhos e a arte sequencial” (no original: *Comics and Sequential Art*). Silva (2018) também utiliza o termo em uma citação de Corbari (2011, p. 3) na página 15 do seu TCC para embasar sua argumentação teórica a respeito do jornalismo em quadrinhos, além de usar uma definição de quadrinhos de Scott McCloud (1995) na página 14 que enfatiza o aspecto “sequencial” das HQs: “*Imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou produzir uma resposta no espectador*” (MCCLOUD, 1995, p. 9)

Muitos pesquisadores contemporâneos de HQs, incluindo *Mio-drag* (2013) e *Postema* (2018), consideram o termo “arte sequencial”

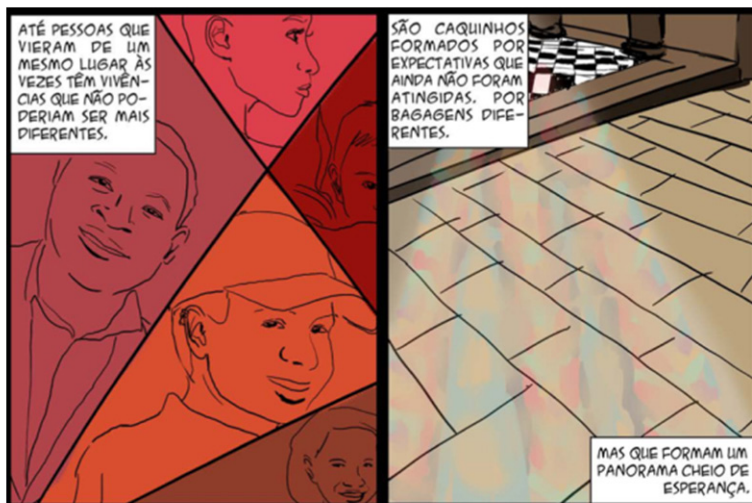
defasado por desnecessariamente aproximar as HQs do cinema e não contemplar outros aspectos fundamentais da linguagem dos quadrinhos, como a “simultaneidade”, que produz relações não-lineares entre os quadros, quebrando a sequencialidade narrativa (MIODRAG, 2013, p. 111).

A HQ de Anna Silva evoca o conceito de simultaneidade ao associar metaforicamente a disposição física dos vitrais de igreja com as experiências de refugiados. Usando como base a ideia de “biografias em fractais” desenvolvida por Pena (2004, p. 86), em que biografias individuais de pessoas de determinado recorte demográfico dialogam entre si a despeito de suas particularidades, produzindo uma rede inesgotável de significados, a obra de Silva argumenta graficamente que as experiências dos refugiados vivendo no Brasil compõem um único hiperquadro¹⁷, complexo e repleto de nuances, mas conectado e em diálogo constante consigo mesmo.

Figura 24 – Quadro da HQ em que a metáfora dos vitrais é explicitada



Fonte: Vitrais (2018), de Anna Silva, p. 92.

Figura 25 – Quadros em que Anna aprofunda a metáfora dos “vitrais”.

Fonte: Vitrais (2018), de Anna Silva, p. 92.

Segundo a definição de quadrinhos como uma forma de “arte sequencial”, usada por McCloud (1995) e apropriada por Silva (2018), vitrais de igreja podem ser considerados como HQs (p. 20). O problema desta definição, segundo Postema (2018), não é a percepção de que vitrais de igreja se assemelham visual e, até, narrativamente às HQs, mas sua falta de rigor histórico e material. Ao descontextualizar a origem histórica dos quadrinhos contemporâneos, Postema (2018, p. 13-14) argumenta que McCloud produz uma definição vaga e anacrônica que prejudica a compreensão do fenômeno das HQs. O mesmo se aplica ao termo “*graphic novel*”, também cunhado por Will Eisner no lançamento de sua HQ *Um contrato com Deus* (1978), que busca associar os quadrinhos à literatura.

Esta colocação de Postema, portanto, não invalida a metáfora criada por Silva. Nesse contexto, os conceitos de “quadrinístico” e de “quadrinizantes”, desenvolvidos por Cirne (1990) podem ser utilizados para corroborar a metáfora criada por Silva¹⁸. Segundo essa definição, os vitrais podem ser vistos como quadrinizantes, apesar de não serem quadrinísticos.

Conclusão

Diante de um cenário em que há um debate pouco qualificado a respeito do fenômeno da imigração nos meios de comunicação, em que a retórica da extrema-direita desumaniza imigrantes e refugiados e políticas públicas tomadas pelo governo federal são implementadas para conter a imigração, as reportagens jornalísticas em quadrinhos aqui elencadas surgem como uma maneira alternativa de se discutir o assunto da imigração no Brasil. Ainda que nenhuma obra jornalística e/ou artística que aborde determinado fenômeno social seja capaz de representá-lo na sua totalidade, a amostra de relatos presentes nessas reportagens revela a complexidade e a urgência do fenômeno do refúgio e da imigração no Brasil.

A gramática dos quadrinhos, que hibridiza elementos pictóricos e verbais e os separa por meio de lacunas evidentes para gerar sentido narrativo (POSTEMA, 2018, p. 15-16), produz uma historiografia verbo-visual a partir dos relatos dos refugiados, ressaltando as particularidades linguísticas e visuais dessas populações. A narrativa tanto sequencial quanto simultânea dos quadrinhos traz um aspecto diferenciado à narração dos relatos. A disposição simultânea de quadros na página (ou tela de computador ou celular, como é o caso dos quadrinhos digitais aqui elencados) produz hiperquadros que permitem uma diversidade de leituras, emulando metaforicamente as nuances do fenômeno no Brasil.

Para que se adense essa discussão, é preciso produzir material analítico destas obras e das teorias acadêmicas usadas para embasá-las. Na tentativa de contribuir para tanto, o presente artigo procurou ressaltar o ineditismo das três pesquisas no panorama de estudos sobre o fenômeno do refúgio no Brasil, analisando os aspectos formais das obras elencadas e buscando atualizar as referências acadêmicas sobre quadrinhos e refúgio no Brasil e no mundo, no intuito de promover a ampliação e o adensamento da discussão e da pesquisa prática e teórica nesse campo científico e artístico.



Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BRAGA JUNIOR, Amaro Xavier; NOGUEIRA, Natania Aparecida da Silva; BORGES, Caetano Galindo (org.). **Imagem, pesquisa e criatividade**: os quadrinhos como vetores do conhecimento. Leopoldina: ASPAS, 2022.

CAGNIN, Antonio Luis. **Os quadrinhos**: um estudo abrangente da arte sequencial, linguagem semiótica. São Paulo: Criativo, 2015.

CATALÀ DOMÈNECH, Josep M. **A forma do real**. Tradução: Lizandra Magnon de Almeida. – São Paulo: Summus, 2011.

CHUTE, Hillary. **Disaster Drawn**: Visual Witness, Comics and Documentary form. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2016.

CIRNE, Moacy. **História e crítica dos quadrinhos brasileiros**. Rio de Janeiro: Europa; Funarte, 1990.

CORBARI, Marcos Antônio. **Jornalismo em quadrinhos**: Reflexões sobre a utilização da arte sequencial como suporte ao conteúdo jornalístico. 2011. Monografia. (Graduação em Comunicação Social) – Departamento de Ciências da Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo alguns conceitos. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieda de Moraes (Coord.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p.149-164.

ELHAJJI, Mohammed. Mapas subjetivos de um mundo em movimento: migrações, mídia étnica e identidades transnacionais. **Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y de la Comunicación**, v. 13, n. 2, maio/ago. 2011.

GROENSTEEN, Thierry. **Bande dessinée et narration**. Paris: Presses Universitaires de France, 2011.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

JUNGER, Gustavo; CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu de; SILVA, Bianca G. **Refúgio em Números** (7ª Edição), Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2022.

LIBERATOR, Norberto. **Diasporados**: Uma reportagem em quadrinhos sobre refugiados e imigrantes | https://drive.google.com/drive/folders/1GOLO-Mo-NaB6NrgrSgh7QTyipW9Gml5mj?usp=drive_link Acesso em: 30/09/2024.

McCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. Scott McCloud tradução Hélcio de Carvalho, Marisa do Nascimento Paro. São Paulo: Makron Books, 1995. Título original: Understanding comics.

MIODRAG, Hannah. **Comics and Language**: Reimagining Critical Discourse on the Form. Jackson: The University Press of Mississippi, 2013.

PASSERINI, Luisa. A lacuna dopresente. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 211-214.

POSTEMA, Bárbara. **Estrutura narrativa dos quadrinhos**: construindo sentido a partir de fragmentos. Tradução de Gisele Rosa. São Paulo: Peirópolis, 2018.

PENA, Felipe. Biografias em fractais: múltiplas identidades em redes flexíveis e inesgotáveis. **Fronteiras: Estudos midiáticos**, São Leopoldo, v. 1, n. 6, p.80-89, jan. 2004. Semestral.

SAID, Edward. Prefácio. In: SACCO, Joe. **Palestina**. Tradução de Cris Siqueira. São Paulo: Veneta, 2021.

SACCO, Joe. Joe Sacco, criador do jornalismo em quadrinhos, fala sobre como escolheu sua carreira. **Guia do Estudante**, 16 maio 2011. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/joe-sacco-criador-do-jornalismo-em-quadrinhos-fala-sobre-como-escolheu-sua-carreira>. Acesso em: 22 mar. 2025.

SACCO, Joe. **Reportagens**. Tradução: Érico Assis. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SILVA, Anna Carolina Satie Suguihara. **Vitrais: Reportagem em formato de história em quadrinhos sobre a vida de refugiados em São Paulo**. Relatório de graduação (Bacharelado em Comunicação Social – Jornalismo) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2018.

VARGAS, Alexandre Linck. De Buster Brown a Burroughs: introdução a uma genealogia irônica dos quadrinhos brasileiros. **Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**, [S. l.], n. 31, p. 9-24, 2020. DOI: 10.24261/2183-816x0131. Disponível em: <https://doi.org/10.24261/2183-816x0131>. Acesso em: 18 set. 2024.



ZANFORLIN, Sofia; COGO, Denise. Mídia, mobilidade e cidadania no contexto do capitalismo global: reflexões a partir da trajetória de um refugiado sírio. Contemporânea: **Revista de Comunicação e Cultura**, 2019, V. 17, n. 1, 2019.

Notas

- 1 Graduação em Letras – Formação de Escritor pela PUC-Rio (2018–2022) e Mestrando em Mídias Criativas pela ECO UFRJ. Orcid nº 0009-0008-0994-8486 . E-mail: vitor.souza99@gmail.com.
- 2 Professor orientador e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Mídias Criativas – ECO / UFRJ, Rio de Janeiro, RJ. Orcid: 0009-0007-3541-080X E-mail: octavio.aragao@eco.ufrj.br.
- 3 https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9474.htm Acesso em: 27 mar. 2025.
- 4 <https://www.acnur.org/br/media/pesquisa-perfil-socioeconomico-dos-refugiados> Acesso em: 27 mar. 2025.
- 5 <https://migramundo.com/com-homenagem-a-moise-ministerio-da-justica-lanca-programa-de-politicas-de-refugio-para-solicitantes-afrodescendentes/> Acesso em: 27 mar. 2025.
- 6 <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2018/08/19/pacaraima-tem-ruas-desertas-apos-confronto-entre-brasileiros-e-venezuelanos.ghtml> Acesso em: 27 mar. 2025.
- 7 <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/01/31/moise-kabamgabe-o-que-se-sabe-sobre-a-morte-do-congoles-no-rio.ghtml> Acesso em: 27 mar. 2025.
- 8 <https://www.metropoles.com/sao-paulo/senegales-morreu-centro-distribuia-pao> Acesso em: 27 mar. 2025.
- 9 <https://www.jota.info/artigos/a-crise-humanitaria-na-zona-de-transito-do-aeroporto-de-guarulhos> Acesso em: 27 mar. 2025.
- 10 <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-46748492> Acesso em: 30 mar. 2025.
- 11 Segundo o Ministério da Justiça e da Segurança Pública, a maioria dos imigrantes haitianos no Brasil não são reconhecidos como refugiados, mas como imigrantes humanitários. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/refugio/o-que-e-refugio>. Acesso em: 27 mar. 2025.

- 12 <https://exame.com/brasil/bolsonaro-chama-refugiados-de-escoria-do-mundo/> Acesso em: 27 mar. 2025.
- 13 <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2024/08/21/-muda-regras-de-a-colhimento-de-imigrantes-sem-visto-de-entrada-que-pedem-refugio.ghtml>. Acesso em: 27/03/2025.
- 14 https://www.bbc.com/portuguese/lg/noticias/2009/06/090615_lulaonupu_ba Acesso em: 27 mar. 2025.
- 15 <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2009/07/02/inter-na-brasil,123377/lula-sanciona-lei-que-anistia-estrangeiros-irregulares.shtml> Acesso em: 30 mar. 2025.
- 16 <https://repositorio.unesp.br/items/ce2bc2dd-c90b-45a5-9ba2-5c6de00315cf> Acesso em: 15 ago. 2024.
- 17 “O hiperquadro é a totalidade do espaço onde uma série de quadros está contida e geralmente está contida dentro dos limites do que podemos perceber de uma só vez (Groensteen, 2011, p. 30)” (BRAGA, NOGUEIRA, BORGES, 2022 p.13).
- 18 “Cirne (1990) diferenciaria quadrinístico de quadrinizante. Enquanto aquele corresponde a uma linguagem, este guarda uma potência na medida em que faz relações semioticamente.” (VARGAS, 2020, p. 10).

